

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Lula e o outro lado

• Assim como a oposição reconhece que nada ganhará com as perdas sofridas pelo Governo, os governistas não brindam o revés das esquerdas, cuja unidade está no momento inviabilizada. Os tucanos, por exemplo, acham que a entrada de novos personagens na disputa, em particular de Leonel Brizola, pode ser um complicador. Não uma ameaça à reeleição de FH, mas um divisor de votos que pode forçar um segundo turno.

Secretário-geral do PSDB, o deputado Arthur Virgílio sai com essa primorosa declaração de apreço por Luiz Inácio Lula da Silva.

— Para nós, a oposição democrática tem a cara do Lula. Quando o PT opta por inviabilizar sua candidatura, abre espaços para o radicalismo. O Lula é admirável, decente e democrático, e não é porque achamos mais fácil Fernando Henrique ganhar dele. Governar sem o Lula liderando a oposição é que é mais difícil.

Da candidatura de Brizola, por ora colocada mais como sinal de que o PDT não está a reboque do PT, nem este nem outros tucanos querem ficar falando agora, até para não inflar o que ainda é balão. Mas não gostam da idéia.

Até o momento em que Lula aparecia como único candidato das oposições de esquerda, as pesquisas já apontavam grande risco de ocorrência de segundo turno. A possibilidade variava dentro da margem de erro, três pontos percentuais para mais ou para menos. Se ele entra no páreo, essa possibilidade cresce.

É verdade que Brizola, na

eleição de 1994, perdeu até para o Enéas, ficando em sexto lugar. Ninguém está preocupado com ele como ameaça, mas como fator desequilibrador do quadro. Enéas já vinha incomodando, pois enquanto FH e Lula perderam uns pontinhos de dezembro até abril, Ciro Gomes cresceu um e ele três pontos. Estaria catalisando as insatisfações à direita, os que não votam nem em Lula nem em Fernando Henrique.

Em 1994, Brizola teve 8% dos votos nacionais. Desta vez, se tiver 5%, pode ser o suficiente para forçar o segundo turno. Outro efeito de sua candidatura seria sobre algumas disputas regionais. No Rio, Garotinho ficará mais fraco sem o apoio do PT, mas no Rio Grande do Sul a candidatura da senadora Emília Fernandes pode forçar o segundo turno, tornando incerta a disputa entre o petista Olívio Dutra e o governador Antônio Britto.

Mas, com tudo isso, os governistas só podem se preocupar, e no máximo torcer. Em segundo turno, como diz o deputado Delfim Netto, “ninguém é de ninguém”.